



1968-2018 - A PERFORMANCE FEMININA NA LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS E CONTRA FORMAS AUTORITÁRIAS DE PODER

Marta Gouveia de Oliveira ROVAI¹

GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade

RESUMO:

Esta apresentação tem como objetivo contribuir com uma reflexão sobre as múltiplas participações femininas na luta pelos direitos humanos, em 1968 e 2018. Em 1968, as mulheres eram 18% da guerrilha armada, mas não atuaram apenas neste aspecto. A partir da chamada militância pela paixão (Beatriz Sarlo) ou performance de gênero (Elisabeth Jelin), elas foram capazes de se reinventar e atuar em espaços privados (suas famílias) e públicos, dominados pelos homens, como nas delegacias, prisões, nas ruas, nas igrejas, demonstrando que as categorias binárias e absolutas de gênero não existem. Elas usaram de atribuições sociais, como a maternidade e o corpo sexualizado para tirar vantagens sobre os homens perpetradores. O feminismo brasileiro nasceu dessa luta política contra a ditadura, mas ganhou outras singularidades, a partir do retorno de mulheres exiladas que passaram a reivindicar questões relacionadas ao corpo, à sexualidade, ao prazer, ao aborto e aos direitos de igualdade com os homens. Em 2018, assistimos ao movimento #EleNao, que, de forma imprevisível, mostra novamente a capacidade dos múltiplos femininos se organizarem e recriarem formas de luta movidas não apenas pelas instituições políticas tradicionais, mas pela criatividade, por ações cotidianas e pela reivindicação de novas demandas que aliam direitos humanos e subjetividades. É sobre esta reflexão, que pretende abordar estas trajetórias de recriação política feminina que a apresentação deverá tratar.

Palavras-chave: Feminismo; Direitos Humanos; autoritarism

¹ Professora adjunta do ICHL/Unifal-MG



O LEGADO ESTÉTICO DE HERBERT MARCUSE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO POTENCIAL POLÍTICO DO *BLUES* FEMININO EM ANGELA DAVIS

Renata GONÇALVES¹

Palavras-chave: Arte; Política; Feminismo; Sexualidade.

Grupo de Trabalho: GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o estudo sobre o *blues* feminino, da era clássica, que atravessou a década de 1920, realizado por Angela Davis, em *Blues Legacies and Black Feminism* (1998), a partir das ideias estéticas de Herbert Marcuse sobre o potencial político da arte. As discussões sobre os temas sexuais que definem a forma e o conteúdo do *blues* feminino apontam tanto o caminho para construção da consciência feminista negra, como prenunciam o desenvolvimento posterior do feminismo das décadas de 1960 e 1970, marcado pela politização da sexualidade. No legado das direções teóricas de Marcuse de que o potencial político da arte reside na necessidade de denunciar a realidade estabelecida e de propor uma nova experiência de transformação radical dos valores da cultura dominante como caminho para libertação nos domínios econômico e político. Davis encontra no *blues* feminino o potencial político de denuncia da cultura patriarcal dominante e de desenvolvimento da consciência feminista da possibilidade de libertação da mulher. As vozes femininas do *blues* evocavam em suas canções a consciência de que a felicidade não poderia ser encontrada no casamento, muito menos na realização das atividades domésticas, que a violência contra mulher deve ser expressada publicamente e que a sexualidade deve ser manifestada livremente com o reconhecimento da homossexualidade. Nesse sentido, de acordo com as ideias estéticas de Marcuse sobre o papel do potencial político da arte, entende-se que o *blues* feminino cumpre uma função, a de comunicar verdades, que na realidade histórica não eram comunicáveis noutra linguagem. Assim sendo, o *blues* feminino desafiou abertamente a política de gênero implícita nas representações culturais tradicionais do casamento e das relações amorosas heterossexuais.

¹ Graduada em Filosofia e Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: renatalvs@yahoo.com.br



O COTIDIANO E A QUESTÃO DE GÊNERO DAS MULHERES ASSENTADAS E ACAMPADAS DE CAMPO DO MEIO - MG

Jéssica Danielle Ferreira do AMARAL¹

Evânio dos Santos BRANQUINHO²

Palavras-chave: Cotidiano. Campo. Gênero.

Grupo de Trabalho: GT 3 - Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade .

Resumo

A questão de gênero se tornou uma categoria essencial para compreender a produção do espaço geográfico por homens e mulheres. Mas, e no espaço rural, como o gênero se espacializa e quais são suas desigualdades? Essa pesquisa buscou compreender o espaço vivido e concebido das mulheres assentadas e acampadas na cidade de Campo do Meio - MG e como elas produzem o seu espaço, compreendendo a configuração do cotidiano. O que essa pesquisa nos traz, é a necessidade de se observar o cotidiano, pois é através dele que a questão de gênero se reproduz no espaço rural campestre, reforçando que os acontecimentos do cotidiano devem ser levados em consideração, sem que o saber teórico passe por cima dos fatos. A pesquisa tem por objetivo comprovar e reforçar que a questão de gênero na geografia durante a observação do espaço rural deve ser iniciada através da análise da vida cotidiana. O corpo teórico utilizado foi o materialismo histórico dialético incorporado ao cotidiano, e esclarece alguma das relações estabelecidas no campo sobre a questão de gênero, mas é necessário incorporar ao método, a análise do privado. O método utilizado foi fundamental para responder e abrir outras questões sobre esse tema.

As bases da pesquisa foram construídas junto com as mulheres durante os 10 dias nos assentamentos e acampamentos de reforma agrária, na qual, a pesquisadora viveu um ambiente de imersão. A maioria dessas mulheres entrevistadas faz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), constroem frentes dentro do movimento, uma delas é dirigente regional do MST e construíram o Coletivo Mulheres Raízes da Terra. Dentro do método adotado para a observação esteve presente, o materialismo histórico dialético com a aplicação de questionário aberto, método regressivo-progressivo (Lefebvre), para compreender o cotidiano dessas mulheres e a produção do espaço no campo. O formato das entrevistas possibilitou maior aprofundamento com os sujeitos da pesquisa. Foram realizadas entrevistas, no último dia uma roda de debate sobre gênero, feminismo e a produção do

¹ Graduanda do curso de Geografia Licenciatura pela Unifal – MG. Email: jessicaferreiramara@gmail.com.

² Professor do ICN/Unifal-MG e doutor em Geografia pela USP. Email: evanio.branquinho@unifal-mg.edu.br .



espaço. Buscou-se passar por casas de diferentes mulheres no período de campo. Na tentativa de compreender que é no cotidiano, na escala pública e privada, que o marxismo pode servir de ferramenta para desvendar a reprodução social da questão de gênero, mostrando que o cotidiano dessas mulheres se dá como forma de resistir ao cotidiano da estrutura capitalista.



O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UM PANORAMA HISTÓRICO NOS QUADRINHOS DE MARCELO D'SALETTE.

Ivo Phelipe Silva PETRECA¹

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Marcelo D'Saete. Negros. Racismo. Resistência.

Grupo de Trabalho: GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade.

Resumo

Após pesquisar como as Histórias em Quadrinhos (HQs) poderiam ser utilizadas como ferramentas didáticas e pedagógicas para o ensino de história em temas transversais, o primeiro passo foi propor o diálogo entre os historiadores e educadores que pensaram a História para além do espaço acadêmico, dando novas abordagens para disciplina com uso de temas transversais. Em seguida autores que contribuíram para a arte no campo educacional no Brasil, em que quadrinhos, as charges e as tirinhas são utilizados em sala de aula de diferentes formas e com objetivos distintos, Ângela Rama e Waldomiro Vergueiro (2012), fizeram propostas para a utilização das HQs na sala de aula, assim como Paulo Ramos, que analisou os quadrinhos e a leitura em quadrinho (2009), e em parceria com Waldomiro Vergueiro produziram “*quadrinhos na educação: da rejeição à prática*” (2009). O foco principal desta comunicação é apresentar um panorama do negro na história do Brasil pelos quadrinhos do premiado desenhista brasileiro, Marcelo D'Saete. A escravidão no Brasil, os quilombos dos Palmares, o cotidiano de jovens de periferias, são desenhados por D'Saete, de maneira que ficção com pitadas de realidade e conceitos que as longas pesquisas e leituras de obras de História, Sociologia e Antropologia possibilitou. Em *Angola Janga: Uma História de Palmares* (2017), Palmares é apresentada formação, resistência, a luta contra a opressão em um grandioso romance histórico que fala de Zumbi, Ganga Zumba, Domingos Jorge Velho, entre outros que compõe esse contexto de resistência. Já *Cumbe* (2014), os negros escravos são os protagonistas dessa HQ, a resistência contra a escravidão é evidenciada nessa brilhante obra. Essas obras de D'Saete podem ser cruzadas com a obras de historiadores para compor uma história do Brasil pelos quadrinhos de D'Saete, de maneira que o tema transversal raça trace essa transversalidade, de forma interdisciplinar. Textos de historiadores como Sidney Chalhoub, Silvia H Lara, Robert W. Slenes, Maria Sylvia de Carvalho Franco, João José dos Reis, que apresentam uma nova historiografia da escravidão e dos negros no Brasil, serão utilizados como base

¹ Graduado em Licenciatura em História (UNIFEOP). Professor de História do Educafro e Pós-graduando em Mídias e Educação pelo Instituto Federal do Sul de Minas, campus Passos - MG Email: ivopetreca@gmail.com



teórica além de outros como o Thomas E. Skimore, ou Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes. Pensadores que em suas obras apresentam que para melhor entender “nossa” história e “nossa” identidade é necessário iniciar em nossas matrizes culturais, que pensam e analisam a história de luta e resistência dos negros na sociedade brasileira. Por fim as HQs de Marcelo D’Saete podem oferecer ótimas ferramentas de ensino e aprendizagem.



TRABALHO, GÊNERO E PROSTITUIÇÃO – ASPECTOS DE UM DEBATE CONTEMPORÂNEO À LUZ DA TRADIÇÃO CRÍTICA DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Nathalia de Carvalho TERRA¹
Leandro Cabral de ALMEIDA²

Palavras-chave: Trabalho. Gênero. Prostituição. Marxismo.

Grupo de Trabalho: GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade.

Resumo

O objetivo do trabalho proposto é analisar alguns elementos que sobressaem do debate em torno dos temas trabalho, gênero e prostituição, com enfoque específico sobre a relação entre prostituição e sexualidade feminina. Portanto, é necessário que situemos o referencial que orienta nossa concepção de trabalho. Estabelecendo um diálogo com a tradição crítica do materialismo histórico, sugerimos discutir aspectos que emanam dessa tríade temática (trabalho-gênero-prostituição), analisando características do debate contemporâneo, perpassando, sobretudo as abordagens teóricas pós-modernas que tendem a delimitar uma identidade globalizante em torno da categoria gênero, obscurecendo, por sua vez, aspectos fundamentais para a teoria feminista, como a dimensão intrínseca à classe social e a luta de classes. Desse modo, pretendemos abordar o tema da prostituição nos estudos de gênero em relação com uma perspectiva crítica que considera as relações sociais como expressão das contradições de classe, que lega ao mundo do trabalho a condição de evidenciar as desigualdades interpostas às mulheres como fruto de uma sociedade organizada em torno de uma estrutura reprodutora dessas desigualdades. Mais do mobilizar um debate, ainda que de forma introdutória, a motivação que justifica esse trabalho é contribuir para as reflexões que visam à emancipação das mulheres das diversas formas de opressão à que estão submetidas, num horizonte de lutas pela emancipação de toda a classe trabalhadora.

¹ Graduanda em Direito pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ). Estagiária da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

² Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA-UFRRJ). Professor de História e Sociologia na SEEDUC-RJ.



LAMPIÃO DA ESQUINA: DEBATES ENTRE CONCEPÇÕES DA ESQUERDA DOS ANOS 1960 E 1970 E CRÍTICAS POLÍTICAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Gabriel Donizetti Ferreira SIMIONATO¹

Palavras-chave: Lampião da Esquina. Gêneros. Esquerdas. Embates políticos.

Grupo de Trabalho: GT 8 – Movimentos Sociais, Educação e Juventude

Resumo: O *Lampião da Esquina* (1978-1981) foi um importante jornal da imprensa alternativa brasileira no período da ditadura civil-militar (1964-1985), e um dos primeiros articuladores do movimento homossexual no Brasil, por meio de suas publicações que discutiam temas ligadas à desmarginalização do homossexual, ao prazer, à relação entre as artes e as homossexualidades, à repressão e à união com os demais setores sociais marginalizados (mulheres, negros e índios). Embora seja um periódico que tenha surgido no final dos anos 1970, ele traz uma discussão ausente, mas necessária, na esquerda, principalmente armada, nos anos 1960: as relações de gênero e as orientações sexuais dos militantes. Por conta de sua distribuição de nível até mesmo internacional, era constante os embates entre diferentes pontos de vista, sobretudo na seção *Cartas na Mesa*, destinada às cartas dos leitores, que traziam confrontos em torno da visão política marxista, que predominou nos grupos de esquerda, no Brasil, e os novos sujeitos e discussões trazidos pelo *Lampião*. Pretende-se analisar as relações entre as esquerdas brasileiras e o emergente movimento homossexual, utilizando dos artigos, reportagens e cartas publicados pelo *Lampião da Esquina* em seu primeiro ano de circulação (abril de 1978 a maio de 1979), abrangendo 13 edições, da edição número 0 à edição número 12. Percebe-se os conflitos entre os discursos das esquerdas, focados na luta de classes e na revolução socialista, e os discursos dos movimentos homossexuais, focados na luta específica e contra a opressão sexual do corpo, questionando as orientações políticas das esquerdas que predominaram fixas no campo da luta de classes até 1968. Todavia, ainda se nota, apesar dos embates, a união de ambos movimentos na luta pela redemocratização do país.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Alfenas - MG. Email: gabriel_simionato99@hotmail.com



TRABALHO FEMININO E MARXISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE PERSPECTIVAS CRÍTICAS

Maria Júlia TAVARES PEREIRA¹

Palavras-chave: Gênero. Patriarcado. Capitalismo. Trabalho feminino.

Grupo de Trabalho: GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade.

Resumo

Nos anos 1960 e 1970, os debates feministas consistiam na compreensão das relações entre capitalismo e patriarcado. Tais debates influenciaram as produções teóricas da época, que procuravam estabelecer como ocorria o cruzamento de mecanismos de dominação, e a reciprocidade entre esfera doméstica e economia capitalista, através de uma perspectiva crítica de análise da divisão sexual do trabalho. A partir da década de 1990, a relação entre gênero e classe perdeu a centralidade nas produções acadêmicas – fruto do próprio movimento do feminismo e da ascensão da teoria *queer* e de perspectivas pós-estruturalistas. Não obstante, são evidentes na realidade social as imbricações entre gênero, classe e raça/etnia, e suas consequências para a posição das mulheres na sociedade. A análise de tais variáveis e suas implicações constitui ferramenta importante na apreensão do mundo e de suas formas de dominação. Nesse sentido, o presente trabalho busca retomar as problemáticas femininas sob o capitalismo, de uma perspectiva teórico-crítica. Considerando a relevância da categoria trabalho em investigações sociológicas, questiona-se: como é possível ampliar este conceito, a fim de englobar a realidade das trabalhadoras que atuam em ambientes reprodutivo e produtivo? Em que medida autoras(es) que evidenciam a relação entre gênero, classe e raça/etnia, podem auxiliar na compreensão das complexidades do capitalismo? Por meio de uma revisão bibliográfica, que busca estabelecer relações contextuais e mapear os principais conceitos, pretende-se indicar a trajetória dos estudos sobre trabalho feminino na Sociologia, os limites da teoria marxiana enquanto perspectiva de análise, bem como as contribuições das(os) autores(as) selecionados e dados estatísticos que atestam a atualidade do debate. Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, cuja bibliografia selecionada evidencia a especificidade da relação entre capital, trabalho doméstico e a venda da força de trabalho feminina, pois considera que o sexo do trabalho causa impactos nesta relação. Deste modo, as mulheres estariam duplamente sujeitas: aos homens e ao capital, ou seja, há uma dominação-exploração feminina na sociedade.

¹ Aluna do curso de Ciências Sociais da Unifal-MG. E-mail: majutavares97@gmail.com



O MULHERIO: A INCLUSÃO DA MULHER EM MEIO A LUTA DE CLASSES.

Drielly Bezerra CAFÉ¹

Palavras-chave: Feminismo. Imprensa. Mulher. Mulherio.

Grupo de Trabalho: GT 3 – Marxismo, Gênero, Raça e Sexualidade

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma parte da reflexão feita em torno da pesquisa sobre o jornal O Mulherio, que circulou no início da década de 1980. Durante a luta armada desenvolvida contra a ditadura a versão marxista se restringiu à luta de classes. Narrativas de mulheres que participaram da luta armada (Oliveira, 1996) teceram críticas ao papel secundário dado ao movimento para as questões “femininas”. Boa parte das mulheres exiladas na França deu início ao Círculo de Mulheres Brasileiras, que assumiu uma postura ligada especificamente às demandas feministas, sem abandonar as questões de classe. Após a Anistia, em seu retorno, militantes expandiram o debate feminista para a imprensa, tentando tocar intelectuais e também mulheres não ligadas aos movimentos. Dentre esses impressos surgiu O Mulherio que por sua vez, tentava atingir a mulher trabalhadora, dona de casa, mulheres de diferentes camadas e atividades sociais. Segundo Joana Maria Pedro (2006) e Cèli Regina Pinto (2001), elas estimularam reuniões em casas, procurando sair dos centros acadêmicos e se associar a lutas cotidianas, como pela criação de creches e postos de saúde, nos anos 1970 e 1980. O Mulherio procurou se apresentar como um periódico cujo discurso não estaria relacionado diretamente aos preceitos marxistas ou submetido a discursos masculinos. Embora reconhecendo a luta de classes, próprias de homens e mulheres, as suas criadoras pretendiam dar relevância ao feminismo voltado a questões específicas de mulheres, como a questão do corpo, do prazer, do aborto, dentre outros. O feminismo brasileiro, até os anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação política instituída no país, desde o golpe militar de 1964 e esteve articulada a organizações de influência marxista, clandestinas à época. O jornal procurou problematizar a mentalidade “racional” e masculina voltada exclusivamente à luta de classes, mostrando as disputas de poder entre diversos grupos feministas divididos entre as lutas gerais e “lutas específicas”, de um lado e entre “verdadeiramente feministas e não-feministas”, revelando conflitos e lugares de fala diferenciados (PEDRO, 2006). O estudo pretende compreender que lugares e que discursos estão presentes no jornal, em meio a este embate.

¹ Discente de História-Licenciatura do ICHL/Unifal-MG. Email: db.cafe@live.com